



24° ENANCIB
Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
Perspectivas Contemporâneas na Ciência da Informação
• Vitória - ES • Ancib • PPGCI/UFES



XXIV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – XXIV ENANCIB

ISSN 2177-3688

GT 01 – Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação

CONGO: ECONOMIA POLÍTICA DA EPISTEMOLOGIA HISTÓRICA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NO PLANO COMPARADO E INTERNACIONAL

CONGO: POLITICAL ECONOMY OF THE INFORMATION SCIENCE HISTORICAL EPISTEMOLOGY IN THE COMPARATIVE AND INTERNATIONAL CONTEXTO

Gustavo Silva Saldanha – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Esta pesquisa, tendo como estrutura uma economia política da epistemologia histórica, fundada na dialética das contradições da construção da ciência na Modernidade, evoca a construção da Ciência da Informação a partir da República Democrática do Congo. A construção epistemológico-histórica do campo científico dedicado à informação no território discursivo congolês atua como arquétipo da dialética do discurso fundador de um campo científico e suas fronteiras, como também seu impacto na geopolítica internacional. Junto à abordagem teórico-metodológica da economia política da epistemologia histórica, a reflexão aponta para o método dos estudos comparados e internacionais como co-constituente da reflexão dialética aqui colocada. Tendo como base documental a pesquisa nos fundos Meyriat e Estivals, o estudo sustenta-se no discurso do pensamento africano em Ciência da Informação. A dialética nos coloca perante o desvelamento da contradição entre um fundamento econômico-político da afirmação epistemológica e das formas de verificação do discurso fundador do campo informacional no plano internacional, a partir da exploração, da colonialidade e do epistemicídio do Vale do Rio Congo.

Palavras-chave: Colonialidade; epistemologia histórica da Ciência da Informação; economia política; estudos comparados e internacionais; Congo.

Abstract: This research, having as its structure a political economy of historical epistemology, based on the dialectics of the contradictions of the construction of science in Modernity, evokes the construction of Information Science from the Democratic Republic of Congo. The epistemological-historical construction of the scientific field dedicated to information in the Congolese discursive territory acts as an archetype of the dialectic of the founding discourse of a scientific field and its borders, as well as its impact on international geopolitics. The reflection points to the comparative and international studies as a co-constituent of the dialectical reflection presented here. Having research

at the Meyriat and Estivals funds as a documentary basis, the study is based on the discourse of African thought in Information Science. The dialectic presents us with the unveiling of the contradiction between an economic-political foundation of the epistemological affirmation and the forms of verification of the founding discourse of the informational field at the international level, based on the exploration, coloniality and epistemicide of the Congo River Valley.

Keywords: Coloniality; information Science historical epistemology; political economy; comparative and international studies; Congo.

1 DA ECONOMIA POLÍTICA DA EPISTEMOLOGIA HISTÓRICA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO À CRÍTICA COMPARADA E INTERNACIONAL: AMOSTRAS DIALÉTICAS DESDE ÁFRICA

Toutes ces recherches des explorations et des exploitations du secteur géologique et minier du Congo belge ont donné lieu à une production éditoriale importante étudiée par les bibliographes coloniaux. (Cimbalanga Mulamba, 2014, p. 166).

A fundamentação epistemológica em Ciência da Informação (CI) pode partir de distintas tradições que conformam, do plano local ao global, do global ao local, os processos profissionais, acadêmicos, científicos, técnicos e praxiológicos de demarcação do campo. Esta pesquisa, tendo como estrutura uma economia política da epistemologia histórica, fundada na dialética das contradições da construção da ciência na Modernidade, evoca a construção da CI a partir da República Democrática do Congo. A construção epistemológico-histórica território dedicado à informação no discurso congolês atua, nesta pesquisa, como arquétipo da dialética do discurso fundador de um campo científico, como também seu impacto na geopolítica internacional (a ciência a serviço da colonialidade).

A partir de uma economia política da epistemologia histórica, sustentada no decurso dos 50 (cinquenta) anos de teoria crítica em CI na escola esquematológica fundada por Robert Estivals (1978, 1970) entre França, Leste Europeu e África, apontando para as condicionantes da luta de classes da ciência para a sociedade, da sociedade para a ciência, a pesquisa objetiva desvelar a dialética de constituição de um discurso global da CI entre os séculos XIX e XX. A dialética nos coloca perante o desvelamento da contradição do fundamento econômico-político da afirmação epistemológica e o discurso fundador do campo no plano internacional, via exploração, colonialidade e epistemicídio, junto à inversão das infraestruturas de criador e criatura, da bibliografia à cibernética, da cibernética ao capitalismo de plataformas, contextos sustentados pela exploração do Vale do Rio Congo.

Ao lado da abordagem teórico-metodológica da economia política da epistemologia histórica estivalsiana, a reflexão aponta para o método dos estudos comparados e internacionais como co-constituente da reflexão dialética. As margens “comparação”, reduzidas ao gesto do espelhamento ou do confronto das diferenças e das desigualdades, são questionadas e rediscutidas, apontando caminhos para uma outra forma de construção do discurso epistemológico-histórico em CI.

O presente estudo é resultado de pesquisa dedicada à cartografia filosófica epistemologia da CI, com foco, nesta etapa, na rota que nos leva ao “coração” de África, mais centralmente, ao Congo, e à metodologia bibliográfica da colonialidade como parte da reflexão para os estudos decoloniais e antiepistemicidas. É a partir da própria escola congoleza em CI que as grandes categorias epistemológicas aqui conjugadas, “epistemologia histórica”, “economia política” e “estudos comparados e internacionais”, são trabalhadas – tendo como base, centralmente, o pensamento da CI em África oriundo dos epistemólogos congolezes Joseph Cimalanga Mulamba (2014), Bob Bobutaka-Bateko (2010, 2013, 2014), Eddie Tambwe Kitenge (2014, 2015).

O *corpus* estrutural de pesquisa foi constituído via consultas ao Fundo Meyriat e ao Fundo Estivals. O primeiro responde pela coleção disponível na *École Nationale Supérieure de Formation de l'Enseignement Agricole* (Ensfea), em Toulouse, França. O segundo Fundo consultado responde pelos dados presentes *Maison de l'Écrit*, em Noyers-sur-Serein, França, instituição criada por Robert Estivals, Danièle Estivals e os teóricos ativistas do movimento crítico a partir dos anos 1960, de tradição marxiana. Como lembra Bob Bobutaka Bateko (2010), da *Université de Kinshasa*, no Congo, a *Maison de l'Écrit* representa vasto legado em CI a partir do pensamento esquematológico dialético.

A noção de África está aqui centrada na crítica da elaboração da colonialidade francófona. Reconhece-se, no plano comparado e internacional, da produção em CI em territórios como Argélia, Camarões, Costa do Marfim, Egito, Etiópia, Nigéria, Senegal, Uganda, até chegarmos ao Congo (e do Congo projetar dialeticamente a relação local-global, Congo-mundo), questões econômico-políticas na criação do pensamento epistemológico colonialista em CI no e para o mundo. Busca-se, neste panorama, via fontes d'África, um itinerário teórico-metodológico decolonial e antiepistemicida, ou, uma “história da CI” e uma “história da informação” do e para o século XXI que contemple as contradições e a barbárie da formação de uma dada teoria do conhecimento nos últimos dois séculos.

2 PRIMEIRAS CARTAS D'ÁFRICA: ORIGENS REMOTAS E CONTEMPORÂNEAS PARA UMA ECONOMIA POLÍTICA DA EPISTEMOLOGIA HISTÓRICA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Si l'Égypte est le pays de la bibliothèque d'Alexandrie, elle est aussi le lieu d'organisation le plus vieux de la formation dans le domaine de l'écrit et de la communication écrite en Afrique. (Bobutaka Bateko, 2014, p. 139).

A estrutura epistemológica de África para os estudos informacionais representa uma parte fundacional para compreensão do campo. É através do Egito, como nos relembra Bobutaka Bateko (2014), que repertoriamos a história, a economia e a transformação social da escrita no Ocidente. Poder político e relações sociais no contexto da circulação dos saberes tem ali solo documental rico para interpretação da história humana. Tal exercício de uma epistemologia histórica, ou compreensão da formação de teorias do conhecimento via África, conduz-nos, como é apresentado em Cimbalanga Mulamba (2014), ao reconhecimento de fontes de nossa formação científica de África para o mundo, do remoto ao contemporâneo.

A epistemologia em CI tem, pois, em suas bases estudadas em diferentes partes do mundo, uma constituição epistemológica sólida a partir de e sobre África. A propagação do pensamento africano em CI em milhares de anos até o século XXI é, no entanto, gradativamente silenciada por longos processos de violência, de exclusão e de extermínio. A epistemologia histórica e a práxis de teoria crítica e decolonial, por exemplo, podem contribuir para redimensionar a cartografia das ideias no campo, bem como o exercício comparado e internacional nos revela as condições econômico-políticas dos epistemicídios ali vivenciados.

No mesmo contexto epistemológico-histórico, com Jean-Pierre Manuana-Nseka (2014) observamos a formação de ideias “escolas” de África em CI, assim como Manuana-Nseka (2014) aponta-nos, sob um olhar econômico-político, que o denominador comum da formação do pensamento em CI a partir do Congo está na teoria da bibliologia política, centralmente a relação entre poder e comunicação dos registros do conhecimento, caminho que nos conduz ao rastro dialético de construção do Instituto Internacional de Bibliografia (IIB), desde a Bélgica, em 1895, da Liga das Nações e da Organização das Nações Unidas (ONU), bem como da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco).

3 ASCENSÃO E QUEDA DA CRÍTICA COMPARADA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Il nous faut sortir de nos chapelles pour poser entre nous des ponts, des points de ralliement. (Tambwe Kitenge, 2014, p. 129).

O principal elemento que nos parece escapar da tradição do método comparado e internacional no século XXI nos usos da predicação – do “comparado” como movimento metodológico não reflexivo e do “internacional” esvaziado no plano geopolítico – é justamente sua condição estrutural: a política, ou, mais especificamente, a capacidade de observar as condições socioeconômicas de dois ou mais objetos à superfície da pesquisa, projetados como foco de trabalho analítico, descritivo e dialético. Em outras palavras, as contradições do comparar são afastadas, dando lugar ao simples espelhamento falso das assimetrias e das semelhanças descontextualizadas.

Enunciado histórica e internacionalmente na literatura em CI sob os termos *comparative librarianship*, *comparative library science*, *comparative library and information science*, *international librarianship*, os estudos comparados e internacionais reúnem abordagens teóricas e metodológicas que partem do princípio da “comparação”, do local para local, do global para o local e do local para o global, para a compreensão de diferenças, singularidades e de potenciais de reforma teórica e empírica de cada ambiência investigada.

Em CI, os estudos comparados e internacionais têm seu auge de produção, de crítica e de reflexão nos anos 1970, o que coincide com uma ampla movimentação geopolítica, na Guerra Fria, entre os contextos nacionais e o panorama internacional (principalmente via fomento da ONU) de surgimento ou de desenvolvimento de programas de formação no ensino técnico e no ensino superior, na pesquisa e na docência em CI, incluindo África e Brasil.

É neste contexto, por exemplo, que surgem obras como de D. J. Foskett (1976), *Reader in comparative librarianship; Comparative & international library science*, de John F. Harvey (1977); e *A handbook of comparative librarianship*, de Monique Mackee (1975). Integra esta literatura, a compilação fruto do encontro científico sobre as abordagens comparadas e internacionais em David Burnett e Eileen Cumming (1977), no *International library and information programmes*, oriundo da *Library Association*, na Inglaterra. Na mesma década, no solo brasileiro, destaca-se o diálogo com as discussões internacionais advindas de André de Figueiredo (1973) e Edson Nery da Fonseca (1979). Desdobra-se da vasta produção setentista, nos anos 1980, as reflexões sobre teoria e método (para aquém e além das aplicações), como Miles Jackson (1980) e Richard Krzys (1983). No mesmo período, no Brasil, encontramos os

estudos de Isabel Ferreira e Maria Cesarina Sousa (1980), Meireluce Ferreira e Maria Cesarina Sousa (1980), Norma Stenzel e Glória Ferreira (1980) e Antônio Miranda (1982).

Nas décadas seguintes, a saber, dos anos 1990 ao contexto de 2020, a produção reflexiva nos estudos comparados e internacionais parece recuar sua capacidade de desenvolvimento de teorias e métodos que permitem expor as contradições da ciência em sua historicidade via o plano informacional. Merece destaque, na relação Brasil-África-mundo nos estudos comparados e internacionais, em contrapartida, a tese de Manuel Valente Mangue, de 2007, sob orientação de Helena Crivellari, no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGCI UFMG), Brasil, exaustivo estudo comparado e internacional com reconhecimento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), via premiação como tese de doutoramento do ano em Comunicação e Informação, que tece uma crítica econômico-política dos impactos da informatização em bibliotecas de África do Sul, Moçambique e Brasil, entre o final do século XX e o início do século XXI.

A produção em CI a partir das abordagens teórico-metodológicas comparada e internacional, no plano aplicado, reúne, tradicionalmente, pesquisas sobre subáreas do campo em diferentes países ou em macro-contextos internacionais, como aqueles fomentados pela ONU, via Unesco. Foskett (1976) dá como exemplo o clássico Relatório Weinberg, de 1963, particularmente no foco em identificação de lacunas para qualificação de cientistas para o trabalho informacional no plano global. Como lembra-nos Dorothy Collings (1976), uma forma de definir uma dada “CI comparada” estaria na análise sistemática do desenvolvimento de bibliotecas, práticas ou problemas que ocorrem sob diferentes circunstâncias (usualmente, em diferentes países), considerando as determinantes contextuais de fundo histórico, geográfico, político, econômico, social, cultural de cada ambiente estudado. A historicidade dos fenômenos relativos à informação é, pois, fundamento dos estudos comparados. Por sua vez, a “aliança” com a “pesquisa internacional”, ou abordagens e métodos orientados para a compreensão global da conformação do campo, aponta para os exercícios teórico-metodológicos de cooperação entre países, continentes, blocos bilaterais e multilaterais, *locus* onde o papel da Unesco terá lugar de destaque.

Dentre os elementos elencados na fortuna crítica dos estudos comparados rigorosos e tecidos através da compreensão econômico-histórico-política de cada contexto, está a provisão de diretrizes para as práticas em CI, a contribuição para análise de problemas

correntes, estímulo para tomadas de decisão pautadas em ampla visão de mundo, definição de critérios para diferentes âmbitos aplicados, subsídios para compartilhamento de dados informacionais e desenvolvimento da educação informacional (Collings, 1976).

Collings (1976) apontava, nos anos 1970, para 3 (três) grandes territórios ali vigentes de estudos em CI comparada, a saber, “estudos de área”, ou pesquisas descritivas e análises críticas sobre o desenvolvimento de bibliotecas em um dado país ou região; “estudos transnacionais ou transculturais”, focados na análise de um modelo específico de bibliotecas ou práticas biblioteconômico-informacionais em um dado número de países, ou, ainda, focados em problemas técnicos específicos dentro de dois ou mais países, como classificação e informatização; e, por fim, “estudos de caso”, análise em profundidade de situações específicas de diferentes bibliotecas em distintos países.

A ausência do desenvolvimento crítico dos métodos comparado e internacional no campo no contexto recente é uma, dentre tantas, lacunas que nos levam a silenciar a epistemologia em CI de África, e reproduzir uma epistemologia histórica colonial do campo, baseada em fontes estruturalmente oriundas de tradições anglo-americanas e francesas. Em outras palavras, uma história do campo é estruturada, dada a ausência comparada e internacional, em um discurso hegemônico global, na lacuna de uma economia política da teoria do conhecimento que conforma, em cada época e contexto, os discursos sobre o fenômeno informacional, como o caso da história da CI em África, a história da CI de África para o mundo, e própria história do mundo global informacional desde África.

4 ECONOMIA POLÍTICA DA EPISTEMOLOGIA HISTÓRICA: FUNDAMENTAÇÃO DE ÁFRICA PARA ÁFRICA

La formation universitaire et la recherche scientifique constituent les piliers fondamentaux pour la survie et la pérennisation d'une Entreprise scientifique. C'est ainsi que la Bibliologie qui est un domaine des sciences de l'information et de la communication a aussi comme point d'ancrage pédagogique « l'Institut Supérieur de Statistique de Kinshasa » en République Démocratique du Congo. (Bobutaka Bateko, 2014, p. 137).

As escolas epistemológicas africanas no espelho do Congo nos levam à reflexão historicizada acerca da estrutura epistemológica epistemicida, entre o ouro e a escrita, que sustentou a própria criação do discurso materializado em CI no século XIX e no século XX, a partir do processo colonizador e das práticas de massacre, de saque, de extermínio de corpos e de saberes. Como veremos com Cimbalanga Mulanga (2014), riquezas que virão sustentar o

desenvolvimento das coroas e estados europeus no século XIX, como Reino Unido e Bélgica, França e Alemanha, provêm da constituição de projetos oriundos do universo macropolítico internacional via o Vale do Rio Congo.

Sob o olhar de Bob Bobutaka Bateko (2014), compreendemos que formação universitária e a investigação científica são os pilares fundamentais para a sobrevivência e sustentabilidade de uma tradição científica. No plano histórico, comparado e internacional, segundo o autor, alguns marcos comparados são fundamentais nesse processo de formação das escolas africanas em CI, como:

- a) Em 1953, em Ibadan, Nigéria, durante o “Seminário sobre o Desenvolvimento de Bibliotecas Públicas em África”, foi levantada a necessidade de proporcionar uma formação profissional segundo as especificidades das bibliotecas africanas;
- b) Em 1961, em Adis Abeba, na Etiópia, durante a “Conferência dos Chefes de Estado Africanos sobre o Desenvolvimento da Educação em África”, a Unesco fomentou a criação de centros regionais e nacionais;
- c) em 1962, foi criado, no Senegal, o *Centre Régional de Formation des Bibliothécaires* (CRFB);
- d) em 1967, o CRFB torna-se a *École des Bibliothécaires, Archivistes et Documentalistes*, com status de instituto universitário;
- e) em 1970, durante a “Reunião sobre o Planejamento Nacional dos Serviços de Documentação e Bibliotecas em África”, realizada em Kampala, na Uganda, sob a direção da Unesco, constatou-se que o número de bibliotecários qualificados em África era insuficiente;
- f) em 1977, surgem os cursos de Biblioteconomia e Arquivologia, com a formação em *Sciences de l’Information et de la Documentation* no *Institut Supérieur de Statistique* de Kinshasa, no Congo;
- g) em Camarões, na *Ecole Supérieure des Sciences et Technologies de l’Information et de la Communication* (ESSTIC), criada em 1982, organiza-se a formação em documentação e arquivística;
- h) na Costa do Marfim, em 1987, surge o *Département des Sciences de l’Information Documentaire*, com sede em Abidjan (Bobutaka Bateko, 2014). Na Argélia, segundo Rabah (2015), nos anos 1960, é criado o Diploma Superior de Bibliotecários-Assistentes - primeira experiência no país na formação em Biblioteconomia. Em

1975, tem-se, na *Université d'Alger*, o primeiro Departamento de Biblioteconomia destinado à formação de bibliotecários, documentalistas e arquivistas.

Os dados da construção comparada e internacional em CI em África demonstram parte dos marcos do percurso de cerca de 70 (setenta) anos de institucionalização do campo informacional no continente, sob o fomento da colonialidade. A dialética de tal formação, no entanto, é revelada na medida em que “epistemologia histórica”, “economia política” e “estudos comparados e internacionais” são colocados em diálogo como categorias críticas da história da CI do mundo para África, vetor colonial, e de África para o mundo, vetor decolonial.

4.1 Da ONU ao Congo: um olhar sobre a invenção da Ciência da Informação de África via exploração; ou economia política da epistemologia histórica nos estudos informacionais

La bibliographie géologique et minière du Congo belge comme science de l'écrit, constitue l'une des sciences sémiologiques à partir du critère du signe d'écriture et en même temps l'une des sciences documentologiques et médiologiques par son support. (Cimbalanga Mulamba, 2014, p. 161).

No âmbito econômico-político, pode-se observar forças que estruturaram a constituição de organizações como IIB, a Liga das Nações, de 1919, e a ONU, de 1948, frutos do acúmulo do capital oriundo de África, em particular, do Congo, diretamente vinculado à construção de métodos e técnicas informacionais. A partir das ambições pessoais do rei belga Leopoldo II (1835-1909) funda-se uma empresa de exploração no final do século XIX. Pouco depois da sua entronização, Leopoldo II organizou a “Conferência Internacional de Geografia” em Bruxelas (12 a 19 de setembro de 1876), que resultou na criação da “Associação Internacional para a Exploração e Civilização da África Central” (Tambwe Kitenge, 2015).

Como explica Cimbalanga Mulamba (2014), vários séculos depois da “descoberta” europeia da foz do Rio Congo, em 1482, por Diego Cão, o século XIX permitiu que outros exploradores adentrassem a bacia fluvial de um dos maiores rios do mundo. Em 1860, o Duque de Brabant, regressando da Grécia, trouxe como lembrança da viagem a Sière-Orban, um pequeno pedaço de mármore, vindo da galeria de arengas de Atenas, onde colocara o seu retrato em miniatura, rodeado das palavras: “A Bélgica precisa de uma colônia”. O que o Duque de Brabant sonhou, Leopoldo II realizou.

Em 1876, a escolha da Bélgica para colonialidade recaiu sobre a África Central, território ainda não explorado até ali pelos massacres europeus. Nos mapas do período havia um grande espaço em branco – o centro africano, conforme observado em Tambwe Kitenge

(2014), apresentar-se-ia, pois, ao projeto colonial belga. Interessado nas riquezas minerais do Congo, em contato com o explorador anglo-americano Henry Morton Stanley, o Rei Leopoldo II usou a conferência geográfica internacional para disseminar o discurso de colonialidade de abertura da África à “civilização”, junto da abolição do comércio de pessoas escravizadas. Esta Conferência definiu a área de ação belga dentro do continente africano, limitada a norte pelo Sudão e pelo Egito, a sul pela bacia do Rio Zambeze, a leste e a oeste pelos oceanos. (Cimbalanga Mulamba, 2014).

De acordo com Tambwe Kitenge (2015), podemos observar no Congo a construção de um regime que leva, de um lado, à construção da epistemologia e da práxis em CI, de outro, em paralelo, à criação de uma estrutura informacional (a teoria em CI co-constituída para fundamentar um regime político propriamente dito) para o desenvolvimento de uma colonialidade. Esse regime é sistematicamente elaborado em estruturas de poder, simbólicas, linguísticas, técnicas, teológicas, econômicas e jurídicas.

Os regimes que conformam a construção do duplo (epistemologia e práxis em CI em África) bem como a próxima estrutura do macrorregime do projeto da colonialidade belga, a partir do domínio via linguagem, virão constituir a futura teorização e a formação em CI na República Democrática do Congo, bem como sua própria condição crítica epistemológico-histórica, conforme os passos legados, por exemplo, por Jean-Pierre Manuana-Nseka (2014), Eddie Tambwe Kitenge (2014), Arab Abdelhamid (2014) e Cimbalanga Mulamba (2014).

No plano de uma dialética da dominação, o aparato da opressão pela via da linguagem constitui-se, dadas as observações de Eddie Tambwe Kitenge (2014, 2015), Jean-Pierre Manuana-Nseka (2014) e Arab Abdelhamid (2014), um modo claro de operacionalização do regime opressor. Não há, em um sentido de consolidação da colonialidade, a possibilidade de dominação, do espírito à cultura, da cultura às relações socioeconômicas, sem o domínio da língua, a extinção das expressões comunitárias, para o massacre das identidades locais e a imposição de limites de outras manifestações originárias da cultura do território para fins de controle e assimilação. Métodos e técnicas de metalinguagem, oriundos de um discurso científico ali já estruturado em CI, no final do século XIX, como a bibliografia, serão adotados, pois, para o exercício violento da colonialidade.

4.2 Do Congo à ONU: a construção econômico-política da Ciência da Informação internacional através do epistemicídio em África

En effet, la bibliographie géologique et minière comme son nom l'indique régie des indices de différentes ressources minérales au travers des symboles et formules étudiés dans le cours de chimie (ou de physique) que l'on appelle écriture chimique. Prenons un exemple en passant de quatre minerais, à savoir : le minerai de l'Or (Au), le minerai de Cuivre (Cu), le minerai de l'Étain (Sn), et le minerai de Zinc (Zn). (Cimbalanga Mulamba, 2014, p. 161).

Como nos relata Cimbalanga Mulamba (2014), no século XIX, através do Rio Congo, as expedições colonizadoras de cunho econômico-político-científico avançaram território africano. As publicações de estudos geológicos do Regime Colonial Belga desde a fundação do Estado Independente do Congo até ao período do Congo sob a administração colonial da Bélgica, incluindo a conferência geográfica, em 1876, convocada pelo Rei Leopoldo II, permitiram aos colonizadores europeus explorar a África Central.

Como demonstraram-nos Manuana-Nseka (2014) e Tambwe Kitenge (2014), os estudos em CI em África se constituíram a partir desses dados de construção da colonialidade. Como descreve Cimbalanga Mulamba (2014), todas essas expedições fizeram parte da pesquisa e os resultados apresentados durante as diversas reuniões técnico-científicas converteram-se em documentos. Estes constituíram o conjunto de registros elaborados pela Bélgica para a exploração e comercialização de recursos minerais, ou metadocumentos, ou apenas a sistemática da bibliografia como arma de colonização.

A partir de 1904, inicia-se a extração do ouro; em seguida, os minérios cobre, diamante, estanho, zinco, urânio. Em termos estatísticos, a exploração mineral se desenvolveu a um ritmo acelerado: 141 milhões de francos em 1920; 1.012 milhões de francos em 1930; quase 6 milhões de francos, em 1947. Ainda no período colonial, o Congo Belga era o maior país do mundo produtor de urânio, diamantes e cobalto. Segundo Cimbalanga Mulamba (2014), partindo deste quadro sinótico, a história diz-nos que a riqueza do subsolo de Katanga e Kasai, em particular, constituiu o chamado “escândalo geológico”. É, pois, sob e sobre esses dados, que uma dada CI virá se constituir via colonialidade no território do Congo, partindo do setor mineral do regime colonial belga ou, sob a dialética da economia política da epistemologia histórica internacional, uma dada CI via IIB, em Bruxelas, virá se constituir na Europa, financiada pelos recursos do Vale do Rio Congo.

O plano de ação, adotado pela Conferência na Bélgica de Leopoldo II, incluía o estabelecimento de postos permanentes na África Central com vistas a desenvolver o conhecimento do continente africano (logo, produção intensa de documentação de e sobre o Congo para exploração, colonialidade, epistemicídio) e a trazer ali “paz e civilização” (discursos estruturais da futura ONU). Como nos demonstra Cimalanga Mulamba (2014), um complexo plano de trabalho do regime colonial se constitui na esfera documental – como a Ata da Conferência - e metadocumental, ou seja, a cartografia bibliográfica da e para exploração.

Uma bibliografia para colonialidade se constitui como ferramenta para o extermínio (do solo, das pessoas, dos saberes). Estão aqui as bases para a formalização do regime de informação colonial do local para o global, do Rio Congo ao Oceano Atlântico, do Oceano Atlântico à cidade de Bruxelas, nas relações África-Mundo, do IIB à Liga das Nações, da Liga das Nações à ONU, da ONU à Unesco, da Unesco aos recursos para “criar” uma CI em África na segunda metade do século XX com os recursos financeiros do próprio Congo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: UM ARQUÉTIPO DA DIALÉTICA DA INVENÇÃO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E DA HISTÓRIA DA INFORMAÇÃO ENTRE OS SÉCULOS XIX E XXI

Ainsi, pour conclure, la Bibliographie Géologique Minière du Congo Belge de 1885 à 1960 est un instrument d’information et de communication pour les puissances coloniales européennes dans la mesure où cette bibliographie a servi le pouvoir colonial sous toutes ses formes. (Cimalanga Mulamba, 2014, p. 168).

No contexto de uma leitura econômico-política da epistemologia histórica em CI, o Congo se estabelece como um arquétipo dos modelos de regimes de produção metainformacional para uso para poder, massacre e saque. A partir de cartografias contemporâneas do pensamento em CI oriundo de África, como aquelas de Bobutaka Bateko (2013), Cimalanga Mulamba (2014) e Tambwe Kitenge (2015), atingimos uma reflexão epistemológico-histórica, de ordem crítica, sobre o epistemicídio na formação do pensamento em CI d’África e da CI para o mundo, ou seja, a própria constituição geopolítica de territórios, com uso, dentre outras armas, do próprio ferramental tecido em CI no Ocidente, como a bibliografia (aqui compreendida inicialmente como arma epistemicida da colonialidade).

Os regimes coloniais foram constituídos e, ao mesmo tempo, a própria estrutura de um regime global de poder se co-constituiu, sob e sobre o dorso de cada território massacrado. É justamente em uma relação África-mundo, no arquétipo do Congo, que parte

da relevância geopolítica internacional na Modernidade Tardia se constitui. Em outras palavras, entre o Congo e a Bélgica de Leopoldo II, temos evidências manifestas de constituição de um modelo de Modernidade pós-Iluminista fundada na proposta de globalização do conhecimento como estrutura de dominação violenta na virada do século XIX para o XX, com a informação, a partir da bibliografia, como método. Do Congo advém a estrutura econômico-política de financiamento e de desenvolvimento dos projetos, como de Paul Otlet, para construção do IIB, da Bélgica para o mundo, na década de 1890, bem como das bases econômico-políticas para futura constituição da Liga das Nações e da ONU.

É através dos recursos minerais resultantes destes, advindo dos territórios explorados, sendo o Vale do Rio Congo e suas sociedades violentamente dominadas, que a) um regime global de informação mineral do século XI ao XX se estrutura; b) as grandes potências colonialistas multiplicam seu poder político e econômico; c) a cibernética de primeira ordem se elabora (não podemos projetar a cibernética dos anos 1930 sem a presença dos recursos minerais, da economia gerada por esses recursos e, centralmente, da exploração da classe trabalhadora congoleza); d) a formação do poderio bélico ocidental no âmbito da Segunda Guerra Mundial se consolida, centralmente via Estados Unidos da América, com a bomba atômica como signo da força e da violência, esta, a bomba atômica, só possível diante de recursos minerais, dentre os quais, parte considerável oriunda do Rio Congo; e) a política internacional de centralidade europeia e, posteriormente, americano-europeia, a partir da segunda metade do 1900, cria modelos de financiamento controlado e vigiado para países dizimados pela colonialidade, como o caso do Congo; f) a cibernética de segunda ordem se funda, entre a rede mundial de computadores e o futuro capitalismo de plataformas digitais no final do século XX e do início do século XXI, igualmente dependente de minerais como aqueles presentes nas minas congolezas, ou do buraco aberto no coração da África.

Estamos a apontar, objetivamente, sob as evidências da pesquisa epistemológico-histórica, da economia política e dos estudos comparados e internacionais em CI, para o dinheiro que sustentou a manutenção dos estados europeus no século XX e o desdobramento da Revolução Industrial na corrida colonial tardia, bem como do alicerce para Segunda Guerra Mundial, para Cibernética, para a Rede Mundial de Computadores, dos componentes básicos de aviões, de aeronaves espaciais, de foguetes, de usinas nucleares, turbinas, aos dispositivos eletrônicos, de suas baterias, das peças de computadores pessoais aos *smartphones*. Nas duas pontas (por exemplo, de um lado, o massacre colonial com a invasão da Bacia do Rio Congo

no século XIX e, de outro, o fomento para o desenvolvimento das terras massacradas, via recursos da Unesco para criação de uma escola em CI em África e no Congo pós-Segunda Guerra), a bibliografia representa arma política e científica, social e tecnológica, lugar central de formalização e de funcionamento dos regimes de poder, de opressão e de controle.

A abertura para estudos comparados e internacionais na produção do pensamento de África em CI representa uma das fontes da pesquisa para economia política de nossa epistemologia histórica, um arquétipo do epistemicídio. O pensamento africano em CI torna-se, nesse contexto, elemento-chave para a reflexão sobre a decolonialidade e a luta antiepistemicida. O Vale do Rio Congo pode ser interpretado, pois, como uma das, ou a maior, sede da riqueza informacional, do século XIX ao XXI, e a produção da CI sobre e a partir do Congo, um arquétipo da economia política de nosso discurso fundador. Este arquétipo é revelador das contradições e dos silenciamentos de uma “história da CI” e de uma “história da informação” nos últimos dois séculos, em uma paisagem onde informação, ouro e sangue não podem ser, em nenhuma análise, separados.

AGRADECIMENTOS

À Regina Marteleto, Viviane Couzinet, Daniele Estivals, Robert Estivals pelo acesso à documentação dos fundos Meyriat em Toulouse, França, e em Noyers-sur-Serein, França.

FINANCIAMENTO

A pesquisa foi desenvolvida a partir do fomento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e do Conselho Nacional para o Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

REFERÊNCIAS

ABDELHAMID, Arab. La recherche bibliologique en Algérie sous le Régime colonial français. **Revue de Bibliologie**: Schéma et Schématisation, Paris, n. 80, p. 35-50, 2014.

BOBUTAKA BATEKO, Bob. La bibliologie à l’Institut Supérieur de Statistique de Kinshasa. **Revue de Bibliologie**: Schéma et Schématisation, Paris, n. 80, p. 137-154, 2014.

BOBUTAKA BATEKO, Bob. Bibliographie politique, bibliologie politique et communication politique. **Revue de Bibliologie**: Schéma et Schématisation, Paris, n. 79, p. 55-70, 2013.

BOBUTAKA BATEKO, Bob. Noyers-sur-Serein: centre de la Bibliologie et la Maison du Schématisme. **Revue de Bibliologie**: Schéma et Schématisation, n. 72, p. 65-76, 2010.

BURNETT, David; CUMMING, Eileen Elizabeth. **International library and information programmes**: proceedings of the tenth anniversary conference of the international and

XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024

comparative librarianship group of the Library Association. Loughborough: University of Loughborough, 1977.

CIMBALANGA MULAMBA, Joseph. La bibliographie géologique et minière du Congo belge de 1885 à 1960: un instrument d'information et de communication pour les puissances coloniales européennes. **Revue de Bibliologie: Schéma et Schématisation**, Paris, n. 80, p. 155-170, 2014.

COLLINGS, Dorothy Gwendolyn. Comparative Librarianship. *In.*: FOSKETT, Douglas John. **Reader in comparative librarianship**. Englewood: Information Handling Services, p. 26-32, 1976.

ESTIVALS, Robert. La schématisation et la dialectique de la création scientifique, artistique et politique (premier essai d'interprétation). **Schéma et schématisation**, n. 02, p. 44-59, 1970.

ESTIVALS, Robert. Luttés de classe et schématisation. **Schéma et schématisation**, n. 9, p. 5-10, 1978.

FERREIRA, Glória Isabel Sattamini; SOUSA, Maria Cesarina Vitor de. Biblioteconomia comparada: revisão seletiva da literatura estrangeira. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 8, n. 1, p. 65-68, 1980.

FERREIRA, Meireluce; SOUSA, Maria Cesarina Vitor de. Estudos comparados: problemas na realização. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 8, n. 1, p. 69-76, 1980.

FIGUEIREDO, André de. Uma introdução à biblioteconomia comparada: sumário de pontos importantes. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 1, n. 2, 1973.

FONSECA, Edson Nery da. **A biblioteconomia brasileira no contexto mundial**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília: INL, 1979.

FOSKETT, Douglas John. **Reader in comparative librarianship**. Englewood: Information Handling Services, 1976a.

HARVEY, John Frederick. **Comparative & international library science**. Metuchen: Scarecrow Press, 1977.

JACKSON, Miles M. The usefulness of comparative librarianship in relation to non-industrialized countries. **IFLA Journal**, Reino Unido, v. 7, n. 4, p. 339-343, 1981.

KRZYS, Richard. **World librarianship: a comparative study**. New York: M. Dekker, 1983.

MACKEE, Monique. **A handbook of comparative librarianship**. 3. ed. London: Clie Bingley, 1975.

MANGUE, Manuel Valente; CRIVELLARI, Helena Maria Tarchi. **Consolidação do processo de informatização em Sistemas de Bibliotecas Universitárias na África do Sul, Brasil e Moçambique**. 2007. 307 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024

MANUANA-NSEKA, Jean-Pierre. Les tendances de l'école congolaise en bibliologie. **Revue de Bibliologie: Schéma et Schématisation**, Paris, n. 80, p. 131-135, 2014.

MIRANDA, Antonio. Biblioteconomia comparada: uma revisão crítica. **Estudos Avançados em Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 1, n. 1, p. 93-117, 1982.

RABAH, Allahoum. L'enseignement de la Bibliothéconomie à L'université D'alger: Quelle formation? Pour quel métier?. **Revue de Bibliologie: Schéma et Schématisation**, Paris, n. 81, p. 63- 78, 2015.

STENZEL, Norma; FERREIRA, Glória Isabel Sattamini. Revisão seletiva da literatura sobre metodologia em Biblioteconomia Comparada. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 8, n. 1, p. 60-64, 1980.

TAMBWE KITENGE, Eddie. Le système éducatif comme élément de reproduction du modèle colonial: cas du Congo belge. **Revue de Bibliologie: Schéma et Schématisation**, Paris, n. 81, p. 81-99, 2015.

TAMBWE KITENGE, Eddie. Une école bibliologique en RD Congo? Interrogations critiques et méthodologiques sur une (possible) existence d'une « école » congolaise. **Revue de Bibliologie: Schéma et Schématisation**, Paris, n. 80, p. 117-130, 2014.